

EVANGELIZAÇÃO E TESTEMUNHO

De Medellín a Santo Domingo

Pe. Dr. José Adriano

A Igreja é consciente de sua missão e procura encarná-la nas diversas situações históricas e sociais, levando uma mensagem de esperança e, ao mesmo tempo, respondendo aos anseios do homem concretamente situado. A missão da Igreja, portanto, não deve ser nem ingênua nem fanática, mas madura e crítica¹. Sua consciência é uma consciência moral fundada na pessoa e na prática de Jesus de Nazaré de quem recebeu uma missão específica. A missão da Igreja é evangelizar, por isso, na evangelização ela dá o seu testemunho.²

1. EVANGELIZAÇÃO DESDE O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio refletiu a Igreja e o mundo com uma finalidade ecle-

siológica: tornar possível e relevante a missão da Igreja num mundo secularizado onde não faltam conflitos. Percebeu a urgência de viver sua sacramentalidade encarnada "entre as alegrias e esperanças dos homens de nosso tempo, especialmente dos pobres e de quantos sofrem".³

Ela realiza sua missão cujos destinatários não são só os seus filhos, mas o mundo e todos os seres humanos⁴. Por isso ela é reconhecida, antes de tudo, como o Sacramento da Salvação para o mundo⁵. Essa é uma dimensão teológica que realiza a vontade de Deus, colocando-a a serviço do Reino do qual, ela mesma é sinal eficaz. Como sacramento, ela deve

1. Cf. A. HORTELANO, *La superconsciencia moral cristiana*, in *La consciencia moral hoy*, Madrid 1971, 453

2. Cf. B. HÄRING, *Morale ed evangelizzazione del mondo di oggi*, Bari 1974

3. GS 1

4. Cf. J. SOBRINO, *La Iglesia de los pobres: concreción latinoamericana del Vaticano II*, El Salvador 1982, 119

5. LG 1-8

realizar aquilo que simboliza, por isso, a missão que Jesus recebeu do Pai se prolonga, pelo Espírito Santo, na missão da Igreja, fazendo dela esse sinal-sacramento único. Em função de sua missão, a Igreja do Concílio acolheu o mundo moderno com suas conquistas, liberdade de consciência, pensamento e religião; a autonomia das realidades terrestres, o espírito democrático; apreciou a pessoa humana em sua subjetividade sagrada, sua historicidade e seu dinamismo transformador; interpretou a história como história salvífica; descobriu as outras igrejas e as outras religiões como possuidoras de valores. O Concílio projetou também uma atmosfera de otimismo, abertura e reconciliação com os melhores anseios da modernidade; ofereceu seu concurso na construção da paz e na promoção da comunidade entre os povos; tornou-se sensível ao drama da miséria dos pobres no mundo.

2. MEDELLIN

Medellin assumiu a perspectiva da promoção do homem todo e de todos os homens⁶ e afirmou que

6. Juventude, 15

7. Justiça, 4

8. Pobreza, 7

9. Justiça, 1

10. "O mesmo Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, criou a terra e tudo o nela existe para uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos de maneira mais justa (Cf. GS 69) e dá poder ao homem para que solidariamente transforme e aperfeiçoe o mundo (Cf. Gn 1,29). É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens de todas as escravidões a que o pecado os sujeitou: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano (Cf. Jo 8,32-34"; Paz, 1).

11. GS 1.

a obra divina é ação de libertação integral⁷, porque o próprio Jesus concentrou sua missão no anúncio da libertação dos pobres.⁸ Medellin chamou a miséria coletiva de "pecado de injustiça que clama ao céu"⁹ e assumiu uma Teologia da Criação e da Redenção¹⁰ que faz da missão evangelizadora da Igreja uma missão profética de anúncio e denúncia "solidária com o gênero humano e com sua história"¹¹.

Medellin e Puebla são dois momentos de um mesmo processo. Ambas as Conferências partem do Concílio e são fiéis a ele. No período compreendido entre Medellin e Puebla a Igreja foi também iluminada em sua ação evangelizadora pelo Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI. Puebla a utilizou fartamente bem como se apoiou no discurso de abertura pronunciado pelo Papa João Paulo II. Por isso, suas premissas quanto à missão evangelizadora foram permeadas desses dois fatos.

3. PUEBLA

Puebla reafirmou que a evangelização é a missão própria da Igreja,

cujo conteúdo é a pessoa de Jesus Cristo, "nossa esperança que está no meio de nós como enviado do Pai, animado com seu Espírito a Igreja oferece sua Palavra e sua vida ao homem de hoje, para levá-lo à liberdade integral"¹²; a Igreja, "mistério de comunhão, povo de Deus a serviço dos homens que continua sendo evangelizada através dos tempos, levando a todos a Boa Nova, recebeu por missão anunciar e instaurar o Reino¹³ em todos os povos. Ela é o sinal do Reino e nela se manifesta de modo visível o que Deus está realizando, silenciosamente, no mundo inteiro. A Igreja é também o instrumento que introduz o Reino entre os homens, para conduzi-los à meta definitiva¹⁴; Maria, mãe dos povos¹⁵ e modelo de serviço eclesial¹⁶; o homem, por sua dignidade de imagem de Deus, merece um compromisso em favor de sua libertação e realização total em Cristo. Só em Cristo se revela a verdadeira grandeza e só nele é que se reconhece, em plenitude, a realidade mais profunda do homem"¹⁷. Puebla assumiu integralmente a mensagem do Concílio e de Medellin, buscando responder aos anseios do povo, afirmando que "não há evan-

gelização verdadeira enquanto não se anunciar o nome, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus".¹⁸

Dessa forma, a evangelização dá a conhecer Jesus como o Senhor que revela o Pai e comunica o Espírito. Faz brotar, pela caridade, os frutos da justiça, perdão, dignidade e paz no mundo. À partir da fé em Cristo a Igreja é capaz de servir o homem e os povos; de penetrar com o Evangelho sua cultura e humanizar as estruturas.

4. SANTO DOMINGO

A 4ª Conferência do Episcopado Latino Americano recentemente concluída celebra Jesus Cristo, morto, ressuscitado e, Ele mesmo, evangelizador vivente na sua Igreja, isto é, presente e sempre atuante na vida do povo sofrido das Américas. No marco histórico dos quinhentos anos de luzes e de sombras, o anúncio da Boa Nova é reproposto numa Nova Evangelização que promove e liberta o homem no pleno respeito aos valores de sua cultura. A nova evangelização será testemunhal enquanto proclamar, sem equívocos, o Evangelho da Justiça¹⁹, portanto não se trata de uma reevangeliza-

12. DP 4, 166

13. Cf. LG 5

14. DP 227, 320, 783, 864

15. EN 82

16. DP 168, 300, 303

17. DP: 169

18. DP 352

19. Conclusões de Santo Domingo, *Nueva Evangelización, promoción humana, cultura cristiana: Jesucristo: ayer, hoy y siempre* (12-28/10/1992), texto provisório, 13.

ção, mas de dar respostas novas aos novos problemas do mundo moderno numa atitude profética de denúncia unida ao anúncio da Boa Nova²⁰. A Nova Evangelização, formando homens e comunidades maduros na fé, dará seu testemunho na resposta aos desafios da modernidade, especialmente naquelas questões que dizem respeito à dignidade, liberdade e a todos os direitos inalienáveis da pessoa humana, já ressaltados pelo Concílio, pelos Sínodos e pelas Conferências Episcopais anteriores. Deverá ser "um novo Pentecostes"²¹ renovador da fé e do destemor diante das desesperanças da sofrida América. O "novo ardor" será testemunho pessoal e também eclesial, pois da Nova Evangelização surgirão novas comunidades de homens e mulheres atuantes na sociedade moderna²². Elemento essencial desse testemunho são a pessoa, as palavras e a ação de Jesus Cristo, encarnado e inculturado nos valores de todas as culturas, mormente nas culturas indígenas, afro-americanas e dos imigrantes, inclusive, na cultura urbana-industrial. Em uma palavra: o Reino é para todas as culturas e todos os povos, também para a *oikomene* Latino Americana. O testemunho na Nova Evangelização é

um testemunho que se dá com alegria, pois trata-se de anunciar com novo vigor que em Jesus, morto e ressuscitado, cada homem, cada mulher e criança da América oprimida encontra libertação e, a Igreja, além de sinal será também instrumento de uma "nova humanidade" da qual Jesus Cristo é a semente viva plantada no coração de cada homem que ama a justiça²³. A diaconia profética da Nova Evangelização deve se concretizar na promoção humana para todos os povos do Continente (direitos humanos, ecologia humana, solidariedade, trabalho, mobilidade humana, democracia, ordem econômica justa, integração dos valores das culturas latinoamericanas, família). A promoção do genuinamente humano passa pela cultura cristã, porque Cristo revela o homem ao próprio homem²⁴ e não contraria nenhum valor advindo das *sementes do verbo*, presentes nas diversas culturas do Continente. O testemunho da Igreja na América Latina se firma, nestes tempos, segundo Santo Domingo, em três compromissos principais: a) Uma Nova Evangelização dos nossos povos; b) Uma promoção humana integral dos povos latinoamericanos e caribenhos; c) uma evangelização inculturada²⁵.

20. *ibidem*, 20 e 50

21. *ibidem*, 24

22. *ibidem*, 54.

23. *ibidem*, 121-124.

24. *ibidem*, 228-230

25. *ibidem*, 293-301.

5. EVANGELIZAÇÃO, TESTEMUNHO E PROFETISMO

Evangelizar sempre de novo é a "missão essencial, a vocação própria, a identidade mais profunda da Igreja, por sua vez evangelizada"²⁶. Enviada pelo Senhor, ela envia, por sua vez, os evangelizadores a pregar, não a si mesmos, suas idéias pessoais, mas o Evangelho do qual nem ela, nem eles são donos e proprietários absolutos²⁷. O fundamento de toda evangelização é, como sabemos, o mandato do Senhor: *ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos*²⁸. A Evangelização, enquanto missão da Igreja, consiste em ir ao encontro do outro, pessoa, multidões, grupos ou povos, (com suas culturas próprias) que estão inseridos e tomam parte numa sociedade conflitiva e aí devem ser evangelizados.²⁹

Por isso Medellín, Puebla e Santo Domingo, aurindo os ensinamentos do Concílio constatam que a evangelização implica na superação de tudo que oprime o homem, pois sua meta é humanizar e promover. É nesse sentido que Puebla pedia uma "síntese vigorosa entre a fé que professa e a práti-

ca com o compromisso que assume na realidade"³⁰. A missão comporta o testemunho de evangelizar todas as dimensões da existência humana: aquelas interiores como humanização das paixões; aquelas pessoais, como a superação do espírito de vingança, o perdão dos inimigos e a fraternidade; aquelas sociais, como o compromisso com os que sofrem³¹. Evangelizar não significa, então, descurar o mundo de sofrimento e pecado, mas justamente o contrário: evangelizar é propor o Reino definitivo, transformando e humanizando o mundo presente. Para realizar esse testemunho, a Igreja tem em conta as realidades terrestres e a vida social dos homens, embora sua missão imediata não seja a construção de uma ordem político-social, mas o Reino, e o mundo dos homens está aí incluído³². A Igreja tem um compromisso histórico de transformação já que está aberta aos questionamentos da história e compartilha a tarefa de uma humanidade chamada a "estabelecer uma organização política, social e econômica que sirva melhor ao homem e ajude cada um e cada grupo a

26. EN 14, 15; LG 5

27. Cf. EN 15

28. Mt 28,29

29. "A Igreja é perita em humanidade, e isso a impulsiona a estender necessariamente a sua missão religiosa aos diversos campos nos quais homens e mulheres desenvolvem suas atividades"; Cf. EN 18; SRS 41.

30. DP 558; Cf. EN 29

31. Cf. Mt 25, 36-41.

32. "A Igreja quer o bem do homem em todas as suas dimensões: em primeiro lugar, como membro da cidade de Deus; em seguida, como membro da cidade terrestre", CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI, *Instructio De Libertatis Christiana et Liberatione Libertatis Conscientia* (22/3/1986) in AAS LXXIX (5/5/1987) 554-599

afirmar e cultivar a própria dignidade³³ e, por isso, a perspectiva eclesiológica do Concílio compromete o povo de Deus a assumir, responsabilmente, a história humana, discernindo os sinais dos tempos, afirmando que "a mensagem cristã não desvia os homens da construção do mundo nem leva a negligenciar os bens de seus semelhantes, mas antes os obriga mais estritamente por dever a realizar tais coisas³⁴; as aspirações mais universais e profundas do gênero humano correspondem também à universalidade da Igreja³⁵; ela abraça todos os homens e os ajuda a perceber com maior clareza sua vocação integral de construir um mundo mais de acordo com a dignidade eminente do homem³⁶. Essa preocupação de síntese entre a missão evangelizadora e a transformação social desejada,

especialmente pelos que sofrem, sempre esteve presente nos pronunciamentos do episcopado brasileiro que reclama uma participação na busca do desenvolvimento integral do homem³⁷ para preservar seus valores e inserí-los no contexto da história da salvação³⁸, dando consciência para difundir as energias do Evangelho, comprometendo-se especialmente com os que sofrem³⁹

5.1 Testemunho

O testemunho se realiza no compromisso com os homens. Assim, no testemunho da Igreja, o Evangelho ajuda a penetrar e modificar os critérios de julgar todos os valores em referência à pessoa, à mensagem e à vida de Jesus Cristo porque ele dá sentido a todas as aspirações e realizações humanas. Dessa forma, a evangelização se tornou o serviço original e

insubstituível da Igreja para o povo. Essas reflexões podem ser corroboradas pelo pensamento do Papa João Paulo II na viagem ao Brasil em 1980⁴⁰. O estudo dos pronunciamentos quanto à evangelização como missão específica da Igreja, trazem uma dinâmica e uma coerência interna que podem ser assim sintetizados: a) a missão da Igreja é a salvação plena do homem na ordem transcendente⁴¹.

Nisso se revela e realiza a dignidade do homem que deve ser sempre respeitada e promovida⁴². Essa dignidade impõe o dever de promover os homens e de construir uma sociedade justa em que o critério primeiro e absoluto seja o valor da pessoa humana⁴³. Nessa tarefa, o pobre está em primeiro plano, enquanto juiz da sociedade

injusta, e germe de uma sociedade nova⁴⁴; b) na construção dessa sociedade nova a Igreja colabora indicando os valores que devam ser realizados, denunciando a injustiça e alertando contra os falsos caminhos⁴⁵; c) a Igreja não se identifica com nenhum modelo político ou econômico concreto⁴⁶. Ela respeita a autonomia da política que, pela fé pode ser criticada mas jamais imposta. Afirma a necessidade de reformas profundas em vista do bem comum, sem ódio nem violência. Como se pode observar, a evangelização e humanização são interdependentes e se completam.

5.2 Dimensão profética do testemunho

A evangelização é prioritariamente anúncio e denúncia. Anúncio do Evangelho que, ao ser acolhido e vivenciado denuncia o peca-

33. GS 9

34. GS 34

35. GS 1

36. GS 91

37. "Ao reclamar, hoje, uma participação na busca do desenvolvimento integral do homem e de todos os homens, a Igreja não sai dos limites de seu domínio específico, que é de ordem religiosa. Essa busca, com efeito, é parte essencial de sua missão ao serviço da humanidade. Para isso sua única motivação é a Palavra de Cristo no Evangelho que deverá encarnar-se cada vez mais em todos os setores da atividade humana, política, econômica, social e cultural", CNBB, *Nota da Conferência dos Bispos do Brasil* (04/12/1986) in *Comunicado Mensal*, nº 195, Rio 1968

38. "É indispensável a presença crítica da Igreja para preservar os valores humanos do desenvolvimento e para inserir no contexto da história da salvação, a qual serve de estímulo àqueles que hoje sofrem a perseguição por tal motivo. A Igreja afirma sua inalienável responsabilidade ao promover suas atividades como foram formuladas nos documentos do Concílio", CNBB, *Nota da Comissão Central* (16/10/1970) in *Comunicado Mensal* nº 217, Brasília, 1970

39. "No campo social a Igreja teve sempre a dupla preocupação: iluminar os espíritos e entrar na ação para difundir as energias do Evangelho (OA 48). No desempenho da sua missão, a Igreja, a exemplo de Cristo, se compromete com todos os homens, especialmente com os pobres (Cf. Mt 11,5; Lc 4,18) cuja situação de miséria é testemunho eloquente do pecado que se instala no coração do homem, contaminando toda a sua vida individual, familiar e social (GS 13); CNBB, *Exigências cristãs para uma ordem política*, (17/2/90), São Paulo 1990.

40. CNBB, *A palavra de João Paulo II no Brasil: discursos e homilias*, São Paulo 1980

41. "A missão da Igreja é proclamar uma salvação que ultrapassa todos os limites temporais, para realizar-se no absoluto de Deus; proclamar o anúncio profético de um mais além, vocação profunda e definitiva do homem", CNBB, *Discurso de Fortaleza* (9/7/1980), o.c. 287.

42. "O Evangelho de Cristo anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus e rejeita toda escravidão derivada, em última análise, do pecado; respeita integralmente a liberdade de consciência e a sua decisão livre; adverte incansavelmente que todos os talentos humanos devem ser desenvolvidos para o serviço de Deus e o bem dos homens e, finalmente, recomenda todos à caridade de todos. Isso corresponde à lei fundamental da proposta cristã", *Aos jovens*, Belo Horizonte (1/7/1980), o.c. 36.

43. "Para adotar o homem como critério, a Igreja se compromete na transformação de toda situação e realidade injustas, para torná-las elementos de uma sociedade justa", *Aos construtores da sociedade pluralista*, Salvador (7/7/1980), o.c. 213.

44. "A Igreja quando proclama o Evangelho, procura também obter, sem abandonar seu papel específico de evangelização, que todos os aspectos da vida social, onde se manifesta a injustiça, sofram uma transformação para a justiça. O bem comum da sociedade requer, como exigência fundamental, que a sociedade seja justa", *Encontro com os operários*, São Paulo (3/7/1980), o.c. 129.

45. "Na construção da sociedade, a Igreja se põe em guarda contra falsos caminhos. Não se deve aceitar o princípio de que os fins justificam os meios", *Aos Construtores da Sociedade*, o.c. 213.

46. "A Igreja não propõe um modelo político ou econômico concreto, mas indica o caminho e apresenta princípios. Ela o faz porque acredita na dignidade de cada homem, de cada mulher, de cada criança, seja qual for o lugar que ocupem na sociedade", o.c. 213

do escondido sob várias formas⁴⁷. A essas duas categorias se acrescenta uma terceira, a do serviço, porque a Igreja-sinal é também a Igreja do serviço ao homem⁴⁸. Lembra a *Gaudium et Spes* que a Igreja "perscruta os sinais dos tempos, interpreta-os à luz do Evangelho de Jesus Cristo, o que inclui um anúncio da utopia cristã, uma denúncia dos pecados e um compromisso com os mais necessitados"⁴⁹. A Igreja existe para evangelizar. "Anunciar o Evangelho é para ela um direito e um dever"⁵⁰. Ela serve, transformando em ação o que anuncia com suas palavras; assim, o seu testemunho é completo. A profecia devolve ao homem a sua dignidade e humanidade. A palavra profética como crítica da sociedade relativiza todo valor e todo fundamento para a vida que não seja Deus mesmo. A Igreja professa que toda violação da dignidade humana é injúria ao próprio Deus cuja imagem é o homem, daí que "a evangelização exige uma palavra clara sobre a dignidade humana"⁵¹. Sua preocupação e responsabilidade primeira ao anunciar a Palavra de Deus é, ao mesmo tempo, resgatar o homem do pecado,

pois, a salvação tem "vínculos muito fortes com a promoção humana em seus aspectos de desenvolvimento e libertação"⁵² e isso é um imperativo original e grave obrigação⁵³. O grande pecado, segundo o profetismo, é a idolatria, o materialismo, a falsa segurança da riqueza e do poder. A crítica é sempre exercida contra tudo o que é desumano e que contradiz o plano de Deus. O objetivo da denúncia, por isso mesmo, não é a eliminação do pecador, mas o convite à conversão⁵⁴.

A denúncia tem o objetivo de responder ao anseio do homem que sofre injustiça. Ela vem junto com o anúncio e é resposta ao sofrimento da pessoa humana⁵⁵. O direito anunciado é a justiça de Deus como forma de solidariedade entre os homens. Essa justiça e esse direito tem como referência prioritária o direito dos desprotegidos da sociedade: os pobres (Am 2,7) os assalariados (Ex 20,15-17), as viúvas e os órfãos (Dt 24,14). A mensagem profética de esperança e de paz na justiça foi realizada plenamente em Jesus de Nazaré. Ele viveu sua existência no mundo como doação radical de si num

tempo e num lugar em que se esperava viver radicalmente as exigências da Aliança. Jesus põe todo seu empenho no anúncio do Reino (Lc 12,56) que se instala onde a injustiça é erradicada⁵⁶. A Igreja é, hoje como ontem, chamada ao testemunho profético. Ela é desafiada por uma realidade conflitiva que desafia, questiona e interpela a sua fé. Ela é chamada sempre mais a dar conta de sua esperança⁵⁷. Diante dos sofrimentos concretos do povo e diante das convicções de sua fé, ela é convocada a dizer profeticamente o nome de Deus, denunciando o ídolo e servindo ao homem. Enquanto profética a Igreja fala a Palavra de Deus em benefício do homem. Ela não é indiferente e insensível, tampouco pode ser neutra. Ela tem uma palavra a dizer dando assim o seu testemunho na sociedade concreta, conscientizando, motivando e despertando os valores morais da convivência social. Diante das exigências evangélicas ela deve julgar os assuntos sociais e políticos como lembrava o Concílio: "É de justiça que possa a Igreja, em todo momento e em toda parte, predicar a fé com autêntica liberdade, ensinar sua doutrina social, exercer sua missão entre os homens e dar juízo moral sobre a ordem política, quando o exigirem os direitos fundamentais

da pessoa humana ou a salvação das almas, utilizando os meios que são conforme o Evangelho e para o bem de todos, segundo a diversidade dos tempos e das situações"⁵⁸. Dar testemunho profético é ser capaz de evangelizar promovendo, mediante a justiça e a paz, o autêntico crescimento do homem. A *Evangelii Nuntiandi* afirmou que "não é possível aceitar que a obra da evangelização possa ou deva esquecer as questões extremamente graves, tão agitadas de hoje em dia, que atacam a justiça, a libertação, o desenvolvimento e a doutrina do Evangelho acerca do amor ao próximo que sofre ou padece necessidade"⁵⁹. Para ser profética, portanto, a Igreja age, interfere, questiona tudo o que contraria o valor do homem e os ditames do Evangelho. A profecia é, dessa forma, essencial ao testemunho da Igreja que interpreta a voz de Deus também através dos acontecimentos e na vida concreta dos homens.

5.3 TESTEMUNHO É SERVIÇO

O serviço completa o anúncio e a denúncia. É a realização do que é anunciado em substituição daquilo que é denunciado. É a síntese vigorosa entre a fé que a Igreja professa e a prática com o compromisso que assume na realidade e na vida dos homens⁶⁰. A Igreja testemunhal en-

47. SRS 41: "Ao exercício do ministério da evangelização no campo social, que é um aspecto da função profética da Igreja, pertence também a denúncia dos males e das injustiças".

48. Cf. DP 1283

49. GS 4

50. DP, 360

51. DP, 306.

52. DP 355

53. DP 316, 320

54. DP 1269: "não intenta condenar mas salvar o culpado e a vítima"

55. "A Igreja é fiel a sua missão quando denuncia os desvios, as servidões e as opressões de que os homens são vítimas". CONGREGATIO PRO DOCTRINA FIDEI, o.c.

56. Cf. M.A. FALACHE, *Jesus ante los jerarcas instalados* in *Vinte e quatro denúncias de Jesus*, v.III, Madrid (set/dic) 1982, 9

57. Cf. 1Pdr 2,15

58. GS 76

59. EN 31

60. EN 18, 19, 29, 31

contra seu fundamento no Senhor que "não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção de muitos" (Mt 20,28). Ela serve ao Cristo, seu Senhor e, por causa dele, se torna servidora dos homens. No serviço está seu ser e sua missão. Como serva de Deus, serve-o "caminhando no tempo presente até a cidade futura e perene"⁶¹. Ao servir, a Igreja dá o testemunho imitando o Cristo que se fez servidor e deu a prova suprema de seu serviço na morte de cruz como conseqüência, da fidelidade a sua missão. Não raro, o serviço testemunhal causa à Igreja incompreensão e perseguição⁶². A Igreja é um povo de servidores⁶³ e seu modo próprio de servir é evangelizar. É um serviço original, uma diaconia profético-crítica, que só ela pode prestar. O serviço é, dessa forma, pertinente ao testemunho porquanto supõe a fé em Deus do qual se dá um testemunho autêntico. O serviço deve ser, na vida eclesial, a manifestação concreta do testemunho, constituindo-se dessa forma um círculo lógico entre ambos⁶⁴.

O serviço da Igreja à plenitude da vida consiste na humanização constante em todos os níveis e em

todas as situações. A Igreja quer, com seu testemunho, por vezes martirial, humanizar a realidade histórica, pois esse é um serviço que corresponde objetivamente aos valores da fé cristã. Ela sabe, a partir de sua experiência de Deus, que o homem se humaniza mais com ele do que sem ele. Há uma razão ética que obriga a Igreja à tarefa de humanizar, cristianizar e agir profeticamente para que haja mais justiça; uma razão eclesial onde a humanização é elemento decisivo na credibilidade da Igreja e uma razão teológica que leva, pela humanização, a crer e dar testemunho de Deus⁶⁵. Para dar testemunho da vida plena a Igreja deve dar também a própria vida. Por isso o martírio situa-se no extremo de uma existência voltada inteiramente para o testemunho e é como o seu coroamento⁶⁶. O testemunho é imperfeito sem a Palavra que, por sua vez, requer a realização daquilo que a Palavra contém.

O Autor:

— Doutor em Teologia Moral
— Diretor da Faculdade de Teologia N. S. da Assunção
Endereço: Av. Nazaré, 993
04263-100
S. Paulo — Capital

61. LG 9.

62. CNBB, *Declaração da Comissão Central sobre a agressão a Igreja*, Igreja no Brasil (18/2/1969) in *Comunicado Mensal* 198, Rio 1969, 11-14

63. LG 1

64. A.DUMAS, *El testimonio y el servicio de la Iglesia en la Europa de hoy*, in *Selecciones de Teología*, 70, v.18 (abril/junho) Barcelona 1979, 136

65. A.DUMAS, o.c., afirma que a cristianização como serviço testemunhal da Igreja pode ser entendida em três níveis: a) *Histórico*, que inclui o fato primário de que o homem é um ser material e espiritual, pessoal e social; b) *Transcendente* que inclui o fato de que o homem é remetido a algo prévio e maior do que ele e em quem se plenifica; c) *Simbólico* e Litúrgico que inclui o fato de que o homem exprime a profundidade da realidade histórica a partir do transcendente.

66. DANIEL-ROPS, *L'eglise des Apôtres et des martyrs*, Paris 1986

LA TEORIA DE LA "GUERRA JUSTA" Y LA CONQUISTA DE AMERICA

500 AÑOS DE HISTÓRIA

José Aparecido Gomes Moreira

"En México(...) ya hemos visto que la evangelización fue una Conquista Espiritual que vino de la mano de otra conquista armada, violenta y desastrosa para los indígenas".¹ Lo que sigue es un estudio de la teoría de la "guerra justa" y de su aplicación en la historia de las guerras de conquista de América, acontecimiento iniciado en 1492 pero aún no concluido como lo testifican los mismos pueblos indígenas de nuestros días.²

Se mostrará la vigencia de esa teoría en la actualidad através de un estudio histórico de su producción, recepción y realización, desde los albores de la cristiandad romana en la pluma de San Agustín (s. VI), en el medioevo con los teólogos-juristas del siglo XI y XII, los papas Inocencio III y IV, el Hostiense y con Santo Tomás (s. XIII).

Se llegará así a la era de los descubrimientos y conquistas europeas de los siglos XV y XVI y el

1. Así escribió el obispo de los indios tarahumaras e historiador de la iglesia, el Mons. José A. Laguno Farías, como presidente de la Comisión Episcopal para Indígenas (CEI) en su presentación a los trabajos de la Consulta Indígena sobre los 500 Años de Evangelización en México, publicado por CENAMI (Centro Nacional de Ayuda a Misiones Indígenas) en Cuadernos Indígenas n° 3 (octubre 1987) México. Su muerte ocurrida el pasado mes de febrero constituye, sin duda, una inestimable pérdida para la iglesia mexicana que se ve disminuida de más un obispo dentro de su cuadro ya reducido de los obispos "comprometidos con el pueblo".

2. Por ejemplo, en 1985, el Consejo Indio de Sudamérica (CISA) decía en su Declaración por los derechos de los pueblos indios en una reunión de la ONU en la que también participaba 1ª Santa Sede, que "la violación de los derechos humanos sobre los pueblos indios de las Américas tiene 493 años de vigencia" y que el genocidio, explotación y prostación total del indio tiene "internacionalmente (...) dos culpables: los antepasados del Estado español y los antepasados del Estado eclesiástico de el Vaticano" (en CENAMI, 500 Años de evangelización (consulta indígena), Cuadernos Estudios Indígenas n° 3, México (octubre 1987), pp. 27 y 28.